Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA)

Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a agricultura**
**Área Temática: Segurança Alimentar e Nutricional**
**Período de Análise: janeiro de 2011.**

Mídias analisadas:
Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico Biodiesel Br
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Globo Rural
Revista Isto é Dinheiro Rural
Agroanalysis
Carta Capital
Biodiesel Br

**Índice**

**No mundo, alimentos sobem 24,5% em 2010 e atingem patamar recorde – O Globo – Economia – 06/01/2011 ..... 3**

**Alimentos puxam inflação nos emergentes - Alex Frangos, John Lyons e Vibhuti Agarwal – Valor Econômico – Internacional – 10/01/2011 ..... 4**

**Respostas à nova alta dos alimentos - Graziano da Silva – Valor Econômico – Opinião – 17/01/2011 ..... 6**

**Vigilância sanitária bane agrotóxico em todo o País - Lígia Formenti – Estado de São Paulo – Vida & - 18/01/2011 ..... 8**

**Mais quente e faminto – O Globo – Ciência – 19/01/2011 ..... 9**

**Alta dos preços agrícolas opõe UE ao Brasil no G-20 – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia – 21/01/2011 ..... 12**

**Agronegócio precisa mostrar à sociedade o seu valor – Marcos Fava Neves – Folha de São Paulo – Mercado – 22/01/2011 ..... 14**

**Autoridades do Ceará fornecem água envenenada à população – Sítio Eletrônico do MST – 23/02/2011 ..... 15**

**Produção de transgênicos cresce de forma alarmante – Sítio Eletrônico do MST – 23/01/2011 ..... 18**

**Nova crise alimentar e produção de alimentos? - Sítio Eletrônico da CPT - 26/01/2011**

**20**

**FAO já vê crise alimentar e mais instabilidade – Valor Econômico – Agronegócios – 26/01/2011 ..... 21**

**No mundo, alimentos sobem 24,5% em 2010 e atingem patamar recorde** – O Globo – Economia – 06/01/2011

Com a alta global dos preços dos alimentos em dezembro, o Índice de Preços de Alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) atingiu novo patamar recorde, informou ontem a entidade: 214,7 pontos no mês passado. Com isso, superou o patamar de 213,6 pontos atingido em junho de 2008, durante a crise alimentar de 2007 e 2008, que levou a protestos em vários países.

Segundo o índice da FAO, os preços de alimentos tiveram alta

Minério bate máxima de oito meses na China

Siderúrgicas ampliam estoque. Em 2010, preços subiram 40%

● MANILA .As propostas de venda na China de minério de ferro importado superaram ontem os US$ 180 por tonelada, patamar visto pela última vez em abril de 2010. O movimento está sendo impulsionado pela demanda das siderúrgicas que estão ampliando seus estoques antes do Ano Novo Lunar no próximo mês.

Os três principais índices de minério de ferro ficaram perto ou tocaram uma nova máxima de oito meses na terça-feira, após terem subido mais de 40% em 2010, puxados pela oferta apertada e a forte demanda da China, maior comprador.

— Os preços em janeiro vão permanecer fortes, a razão é que as siderúrgicas têm que comprar para o Ano Novo Lunar, e a escassez de oferta da Índia e as inundações na Austrália estão mantendo a tendência de alta — disse um operador.

A manutenção de um embargo a embarques do estado indiano de Karnataka e problemas de transporte têm prejudicado as exportações da Índia. Os operadores também destacam problemas para a exportação do minério da Austrália, o principal produtor global. As piores inundações em décadas estão causando problemas na infraestrutura no estado australiano de Queensland, paralisando minas de carvão que abastecem as siderúrgicas da Ásia.

Inflação em São Paulo teve alta de 6,4% ano passado

Com pressão menor de alimentos, IPC de dezembro subiu 0,54%

● SÃO PAULO. A inflação ao consumidor no município de São Paulo fechou 2010 em alta de 6,4%, quase o dobro dos 3,65% registrados no ano anterior, informou ontem a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). Em dezembro o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe teve ligeira desaceleração, em razão de uma menor alta dos custos de alimentos, despesas pessoais e vestuário. A inflação subiu 0,54% em dezembro, ante 0,72% em novembro.

Mesmo assim, ficou ligeiramente acima das projeções do mercado financeiro. Os analistas previam, em média, uma alta de 0,50% em dezembro.

Os preços do segmento alimentação avançaram 1,38% em dezembro, ante elevação de 2,02% em novembro. Os de despesas pessoais subiram 0,31% agora, contra 0,59% antes. Os custos de vestuário tiveram aumento de 0,67% no mês passado, após terem alcançado 0,84% no anterior.

O IPC mede a variação dos preços no município de São Paulo de famílias com renda até 20 salários mínimos. global de 24,5% em 2010, já que, em dezembro de 2009, estava em 172,4 pontos. A alta de dezembro foi a sexto aumento mensal consecutivo e levou o índice da FAO ao seu maior patamar desde o início das medições, em 1990.

Em 2008, alta do petróleo ajudou na instabilidade

O índice mede as mudanças mensais de preços para uma cesta de alimentos

composta por cereais, oleaginosas, laticínios, carne e açúcar.

A FAO alertou ainda que os preços de milho, trigo e outros grãos podem aumentar ainda mais este ano e que as atuais condições climáticas são fonte de preocupação.

— Ainda há espaço para que os preços aumentem ainda mais, se, por exemplo, as condições de pouca chuva na Argentina tenderem a uma seca e começarmos a ter problemas se a onda de frio no Hemisfério Norte prejudicar a safra de trigo — afirmou o economista da FAO Abdolreza Abbassian.

Mas ele ressaltou que, apesar dos preços dos alimentos estarem elevados, muitos fatores que provocaram os protestos de 2007/2008, como a produção fraca nos países pobres e uma alta repentina nas cotações do petróleo, não estão presentes atualmente. Isso, explicou o economista, reduz o risco de instabilidade.

A FAO também anunciou ontem que vários jogos da Copa Asiática de Futebol, que começa amanhã em Doha, serão dedicados à luta contra a fome e a pobreza.

**Alimentos puxam inflação nos emergentes** - Alex Frangos, John Lyons e Vibhuti Agarwal – Valor Econômico – Internacional – 10/01/2011

Risco Alta nos preços faz autoridades adotarem medidas que podem segurar a demanda global este ano

A inflação está se espalhando pelas maiores economias emergentes do mundo, causando ruído naqueles que têm sido os motores do crescimento global nos últimos anos. Os bancos centrais de Brasil, Rússia, Índia e China, os chamados países do Bric, que são agora responsáveis por quase um quinto da atividade econômica mundial, aumentaram as taxas de juros nas últimas semanas e estão testando medidas mais exóticas para estancar o avanço dos preços, especialmente os de alimentos: a Índia e a Rússia proibiram as exportações de cebola e de trigo, respectivamente, enquanto a China prometeu controles de preço para itens como o óleo de cozinha.

O Brasil informou na sexta-feira que a inflação de 2010 ficou em5,9%, a mais altaemseis anos, o que aumenta as chances de que os já elevadíssimos juros do país subam ainda mais, com possível efeito sobre o crescimento.

É certo que a inflação brasileira ainda está muitíssimo longe dos níveis estratosféricos do início dos anos 90. Alguns analistas também dizem que o temor de uma espiral inflacionária nos mercados emergentes é exagerado, com taxas estando ainda abaixo das do auge de antes da crise financeira de 2008.

Ainda assim, a tendência de inflação está criando dor de cabeça para as autoridades, de Pequim a Nova Déli, como o temor de que a alta dos preços dos alimentos ponha em risco a estabilidade social.

"A inflação é um dos maiores riscos para este ano", disse Nicholas Kwan, economista do Standard Chartered em Hong Kong.

A aceleração na alta dos preços no mundo em desenvolvimento contrasta com os baixos índices de inflação na Europa e nos Estados Unidos e com a persistente

deflação no Japão. A divergência é em parte um subproduto das recuperações econômicas mais fortes dos países em desenvolvimento, em comparação com o crescimento anêmico dos países ricos.

Essa disparidade complica as tentativas de combater a inflação no mundo em desenvolvimento, afirmam os economistas.

Os líderes brasileiros e de outros países reclamam que a decisão do Federal Reserve, o banco central dos EUA, de injetar US$ 600 bilhões na economia promove a inflação de commodities e bolhas de ativos, ao enfraquecer o dólar. O presidente do Fed, Ben Bernanke, disse na sexta-feira que a medida não está alimentando a inflação.

Uma recuperação melhor do que o previsto nos EUA pode alimentar a inflação ao provocar um surto de demanda na cadeia global de fornecimento, fazendo com que economias que já operam a plena capacidade superaqueçam, dizem economistas.

"Estamos chegando a um ponto em que as exigências das economias emergentes serão suplantadas pelas políticas das economias avançadas", diz o economista Eswar Shanker Prasad, da Universidade Cornell, dos EUA.

O Brasil estabeleceu uma das taxas de juros mais altas do mundo para conter a inflação, agora que o crescimento econômico se aproxima de 7% e quando houve aumento nos gastos públicos para reduzir a pobreza.

A taxa Selic, de 10,75%, atraiu uma enxurrada de investimento especulativo dos EUA e do Japão, onde a política monetária é de dinheiro barato para estimular o crescimento econômico.

Em consequência disso, o real subiu mais de 35% em relação ao dólar americano desde 2009, o que torna as exportações brasileiras menos competitivas. Para evitar novos aumentos dos juros, o governo brasileiro está tentando outras medidas, como a restrição de crédito com aumento do compulsório no câmbio.

Esse é um grande teste para o novo governo de Dilma Rousseff.

Embora Dilma tenha feito campanha em cima do aumento dos gastos sociais, ela está agora avaliando cortes politicamente arriscados nas despesas, para encolher o déficit e esfriar a economia.

A inflação de 5,1% na China, no acumulado de 12 meses até novembro, foi impulsionada principalmente pelos preços dos alimentos, que subiram 11,7%.

Mas o núcleo da inflação, que exclui energia e alimentos, também subiu: 1,9% nos 12 meses.

A China lançou uma série de medidas para conter os preços, como duas altas dos juros, uma ligeira valorização da moeda, menor disponibilidade de crédito, controles de preço e iniciativas para erradicar a especulação ilegal com alimentos.

Na Índia, onde os preços dos alimentos impulsionaram a inflação em boa parte de 2010, a expectativa era de que uma sólida safra de arroz e outros produtos básicos amenizasse a pressão. Mas os mais recentes dados do governo mostram que a situação dos alimentos não foi resolvida, e a inflação aumentou recentemente no país.

Economistas dizem que o Banco da Reserva da Índia, o BC do país, que já elevou os juros seis vezes em 2010, vai quase certamente aumentá-los novamente quando se reunir no dia 25.

A previsão é de que a economia indiana cresça 8,75% no ano fiscal que termina em 31 de março, segundo um relatório do Fundo Monetário Internacional divulgado na quinta-feira. Mas a inflação ameaça minar os ganhos econômicos para centenas de milhões de indianos de baixa renda.

Amrith Mathur, um engenheiro de software de 36 anos que comprava verduras e legumes num mercado atacadista de Nova Déli na sexta-feira, disse que as

altas de preços praticamente anularam seus ganhos salariais.

"Consegui este ano um pequeno aumento de 5% no salário, depois de dois anos, mas devido aos preços de commodities essenciais que dispararam, o aumento foi a mesma coisa que nada", disse. "Como o governo pode alcançar sua elevada meta de crescimento de 9-10% se o poder de consumo das pessoas diminui a cada dia", disse.

Na Rússia, as secas fizeram com que os preços do trigo disparassem e derrubaram a meta do governo de manter a inflação na faixa de 6% a 7% em 2010. O país informou semana passada que os preços ao consumidor subiram a taxas mais altas que o esperado de 1% em dezembro e de 8,7% ao longo do ano, aumentando a expectativa de altas dos juros nos próximos meses.

Outras grandes economias emergentes também tiveram altas dos preços maiores do que se esperava nos últimos meses. O Peru surpreendeu com um aumento de juros na semana passada, e o México divulgou inflação acima do previsto, de 4,4%. A Tailândia deve elevar os juros esta semana.

A Coreia do Sul também informou que vai apresentar medidas para enfrentar a alta dos preços esta semana. (Colaboraram Ira Iosebashvili e Robb Stewart)

**Leia na página B9 mais conteúdo do THE WALL STREET JOURNAL/**

**Respostas à nova alta dos alimentos** - Graziano da Silva – Valor Econômico – Opinião – 17/01/2011

Atual ciclo altista teve início após colheitas promissoras.

Bastaram 30 meses para o Índice de Preços de Alimentos medido pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) bater novo recorde. À máxima de 214 pontos na crise de junho de 2008, sucedeuse o recorde de 215, em dezembro de 2010.

Embora os números sejam similares, há diferenças que explicamumsugestivo paradoxo: à simetria dos indicadores sucede-se uma assimetria dos desdobramentos sociais. A alta desta vez é puxada pelas oleaginosas e pelo açúcar, que pouco havia subido em 2008. Mas os cereais — grupo de alimentos mais importante para a segurança alimentar — exi bem trajetória mais comedida, principalmente o arroz,

embora tenha aumentado 39% em 2010.

Outro diferencial importante é que o novo ciclo altista teve início após colheitas promissoras em algumas das regiões mais prejudicadas em 2008. As boas safras na África subsaariana e na América Latina, por exemplo, permitiram repor estoques. Na maioria dos países em desenvolvimento, a pressão ainda não chegou ao mercado interno.

Eventual disparada do petróleo poderá precipitar esse quadro. A cotação atual, porém, US$ 88 o barril, é substancialmente inferior ao pico de 11 de junho de 2008, de US$ 147. Também mais comedidos se mostram os insumos agrícolas, com preços estáveis.

Ainda assim, o quadro crítico do abastecimento mostra que as medidas tomadas desde 2008 não foram suficientes para afastar o espectro de uma nova rodada de incertezas.

A volatilidade nos preços é um elo comum entre 2008 e 2011. Em 2006, o Índice de Preços de Alimentos da FAO estava em 122 pontos. Subiu para 214 pontos em junho de 2008; caiu para 140 em março de 2009. Bateu em 215 em dezembro de 2010.

Eventos climáticos extremos, cada vez mais frequentes, desguarnecem o cálculo econômico dos produtores e fertilizam o repasto da especulação. Pesquisadores prognosticam que o fenômeno La Niña deste ano — que estreita e às vezes suprime a estação chuvosa em diferentes regiões do planeta — será um dos mais intensos das últimas cinco décadas.

Não por acaso, o ciclo de alta começou com a seca na Rússia e afetou principalmente a produção de trigo. Ao espessar a neblicâmbio estabilizada pela intervenção do governo.

Para os que ainda guardam na memória o que aconteceu em 2007 e primeiros meses de 2008, a dinâmica da inflação hoje é pior por três razões pelo menos. A primeira é que o real naquele momento vivia ainda um processo de valorização em relação ao dólar; em segundo lugar os gastos do governo — consumo e investimento —eram bem menores do que hoje.

Finalmente, a situação do mercado de trabalho era bem mais folgada, com a taxa de dezembro por volta de 8% da força de trabalho.

Pouco antes da crise de Wall Street esfriar a economia brasileira em junho de 2008, a expectativa de aumento dos juros pelo Copom já tinha chegado a 400 ou 500 pontos. E agora? Será que 200 precificados hoje pelo mercado serão suficientes? (*) investimento público, inclusive estatais e privado (**)o aumento da oferta de energia elétrica hoje é majoritariamente térmica e pelo menos 30% mais cara do que a gerada por hidrelétricas; Luiz Carlos Mendonça de Barros , engenheiro e economista, é diretor-estrategista da Quest Investimentos. Foi presidente do BNDES e ministro das Comunicações. Escreve neste espaço na terceira segunda-feira do mês. na entre o custo presente e o retorno futuro, a incerteza inibe o plantio e resseca a oferta. A produtividade é duplamente atingida, pelo revés climático e pela retração nos gastos com insumos de retorno imponderável.

A integração entre os mercados de energia e de alimentos acentua os passos desse minueto de desequilíbrios. Não é o caso do etanol brasileiro, mas em alguns países, a produção de biocombustíveis já pressiona a cesta básica: 30% da produção de milho americana destina-se às usinas de álcool.

Há antídotos à nova face da insegurança alimentar em nosso tempo. Volatilidade guarda relação inversa, por exemplo, com reservas de alimentos. Quanto maior a disponibilidade de estoques, menor a probabilidade de colapso no

abastecimento, maior a estabilidade dos mercados. Há, ademais, crescente consenso de que a especulação financeira amplifica e polariza o gradiente das cotações, que se alimentam da opacidade climática e da anemia das reservas estratégicas.

A FAO preconiza quatro linhas de ação diante desse novo cenário.

Em primeiro lugar, restabelecer a prioridade ao desenvolvimento agrícola. A fome no século XXI configura, sobretudo, um problema de acesso, mas a oferta terá que ser ampliada ali onde a carência é mais forte: 75% dos famintos concentra-se nas áreas rurais dos países pobres e em desenvolvimento.

Investimentos em tecnologia adaptada a essas realidades constituem a agenda inadiável da cooperação entre governos ativos e ajuda internacional consequente.

Rever barreiras protecionistas e tarifárias que impedem o acesso dos países em desenvolvimento aos mercados ricos é uma providencia complementar a essa na medida em que adiciona maior estabilidade aos preços, com o reforço da oferta.

A aposta dos anos 90 na autorregulação dos mercados, em detrimentos dos estoques públicos de alimentos, revelou-se um equívoco fartamente documentado nos distúrbios gerados pela escassez e a alta dos preços em 2008. Ademais do reforço da oferta e da recomposição dos estoques, as incertezas devem ser enfrentadas com maior regulação da variável financeira que passou a interferir na formação dos preços, a partir dos mercados futuros.

A financeirização não é a causa original das flutuações atuais. Tampouco o seu controle resolverá certos desafios, como o protecionismo europeu e americano. Mas ela veio acentuar extremos de um gradiente que já preocupava Keynes, em 1926, e cuja mitigação, segundo o economista inglês, deveria ser objeto de um fundo internacional capaz de intervir nos mercados. Não para substituí-los. Mas para suavizar curvas pronunciadas decorrentes, entre outros fatores, da inapetência privada para carregar estoques de interesse público. Valorizações agrícolas equiparáveis às aplicações financeiras mais rentáveis, como tem ocorrido, sugerem que as preocupações de Keynes guardam sintonia com a nova face da insegurança alimentar em nosso tempo.

A aposta dos anos 90 na autorregulação dos mercados, em detrimento dos estoques públicos de alimentos, revelou-se um equívoco fartamente documentado nos distúrbios gerados pela escassez e a alta dos preços em 2008.

**José Graziano da Silva** é Representante Regional da FAO para America Latina e Caribe

**Vigilância sanitária bane agrotóxico em todo o País** - Lígia Formenti – Estado de São Paulo – Vida & - 18/01/2011

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) determinou o banimento do agrotóxico metamidofós no Brasil.O produto, usado nas lavouras de algodão, amendoim, batata, feijão, soja, tomate e trigo, pode prejudicar o feto, além de ser tóxico para os sistemas neurológico e imunológico. A substância também é prejudicial aos sistemas
reprodutor e endócrino.

É o quarto agrotóxico cuja comercialização é proibida pela Anvisa desde 2008, quando a agência preparou uma lista de reavaliação com 14 produtos suspeitos de causar danos para a saúde.

Além do metamidofós, foram proibidos cihexatina, tricloform e endossulfam. "Nossa expectativa é avaliar todos os produtos da lista neste ano. Até porque, certamente, novos produtos deverão ser incluídos para reavaliação", afirmou Luiz Claudio Meirelles, gerente- geral de toxicologia da Anvisa.

A retirada do metamidofós do mercado brasileiro será feita de maneira programada. Pela decisão, publicada ontem no Diário Oficial, o produto poderá ser comercializado somente até o fim do ano.O agrotóxico poderá ser usado nas lavouras até junho de 2012.Meirelles afirmou que a retirada programada é feita de forma a não provocar impacto negativo na agricultura. "É preciso também que haja tempo para os produtores se adaptarem, para eles terem acesso a produtos menos tóxicos." O metamidofós já foi banido nos países da União Europeia, China, Paquistão, Indonésia, Japão,Costa do Marfim e Samoa.De acordo com Meirelles, o produto se encontra em processo de retirada nos Estados Unidos.

O agrotóxico havia sido reavaliado pela Anvisa no ano de 2002.Na época, o uso do produto foi restrito,além de a forma de aplicação ter sido alterada. Naquele ano, também foi realizada a primeira reavaliação de agrotóxicos no Brasil pela Anvisa, com
banimento de quatro produtos.

A avaliação dos agrotóxicos da lista de 2008, por sua vez, demorou para ganhar ritmo. Por pressões políticas, divergências no governo e ações na Justiça, somente no ano passado as análises começaram a ser feitas com mais rapidez.

Para evitar que fabricantes tentem acabar com seus estoques, a venda do metamidofós até dezembro não poderá ultrapassar a média histórica."Vamos fiscalizar o cumprimento dessa determinação", disse Meirelles.

Com a decisão da Anvisa, também não serão autorizados registros de novos produtos que levem metamidofós nem a importação do produto. Terminado o prazo em que a comercialização é permitida, fabricantes ficarão responsáveis pela retirada do produto do mercado.

**Mais quente e faminto** – O Globo – Ciência – 19/01/2011

Um dos mais detalhados estudos já feitos sobre as consequências das mudanças climáticas revela o impacto devastador do calor na produção de alimentos. Segundo a análise, a temperatura do planeta subirá, pelo menos, 2,4 graus Celsius até 2020 — uma elevação considerada perigosa, capaz, por exemplo, de provocar o desaparecimento de diversas nações insulares. Para além das catástrofes naturais, tamanho aumento significa que, em apenas dez anos, estaremos vivendo num mundo muito mais faminto.

De acordo com os atuais padrões de distribuição de alimentos, a produção global não será suficiente para responder completamente às demandas de 7,8 bilhões de pessoas que, se estima, formarão a população mundial — cerca de 900 milhões a mais do que hoje. Como resultado da redução na disponibilidade de comida, os preços dos alimentos devem subir até 20% — um aumento que pode levar várias pessoas à desnutrição. Segundo números da Organização de Agricultura e Alimentos (FAO, na sigla em inglês) da ONU, cerca de um bilhão (uma em cada sete pessoas) sofre de má nutrição. Com a elevação do preços dos alimentos, estima-se que um em cada cinco indivíduos passem fome em 2020. As crianças serão as maiores vítimas. Hoje, 6,5

milhões de menores de cinco anos morrem por ano vítimas de desnutrição ou doenças relacionadas à falta de alimentos. O número deve dobrar em
dez anos.

Menos milho, arroz e trigo no mundo

● Estas são algumas das principais conclusões do relatório "O déficit alimentar — os impactos das mudanças climáticas na produção de alimentos", um detalhado projeto do Fundo Ecológico Universal (FEU), uma organização não governamental, divulgado ontem.

Para chegar a tais conclusões, o relatório considerou os impactos das mudanças climáticas na produção global dos quatro grãos mais utilizados na alimentação humana: trigo, arroz, milho e soja. Em 2020, considerando os impactos do aquecimento global e do crescimento da população, a produção de trigo, por exemplo, apresentará um déficit de 14% em relação à demanda. No caso do arroz, será de 11%; e, no milho, de 9%. A única produção que deve aumentar é a de soja, que, se estima,deve crescer 5%.

A análise e os dados utilizadosno relatório são oriundos de documentos considerados cruciais, já publicados pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) e outras agências da ONU.— O objetivo do nosso relatório era analisar, sintetizar e atualizar documentos publicados e dados das mais diferentes fontes e os apresentá-los de forma acessível — explicou a diretora-executiva da FEU, Liliana Hisas, principal autora do relatório. — A análise é baseada nas conclusões do relatório de 2007 do IPCC para mostrar os impactos das mudanças climáticas a curto prazo, em uma década.

De acordo com os números, em 2020, a concentração de gases-estufa na atmosfera deve chegar a 490 ppm (partes por milhão), o suficiente para provocar um aumento de 2,4 graus Celsius na temperatura global.

— Por todo o mundo, eventos climáticos extremos serão registrados — disse o consultor científico do relatório, Osvaldo Canziani, que integrou o IPCC. — E novos aumentos da temperatura global vão exacerbar ainda mais a intensidade desses eventos.

Dois dos três principais elementos da produção de alimentos serão afetados diretamente: a água e o clima. O aumento e das chuvas das temperaturas nas áreas tropicais e a ampliação dos períodos mais quentes nas zonas temperadas são exemplos dessas alterações. Atualmente, 80% da agricultura depende das chuvas.

— Mudanças nos padrões de chuva terão um impacto significativo na produção agrícola mundial — explicou Canziani. — Menos água significa perda na produtividade agrícola. Além disso, em algumas regiões, redução nas precipitações também significa menos água disponível para irrigação.

Impacto no gado e no pescado

● Cerca de 35% da produção mundial de cerais é usada para a alimentação de animais. Por isso, a redução da disponibilidade de alimentos tem um impacto direto na produção de carne, leite e derivados. Com o aumento da temperatura das águas e as decorrentes mudanças no ecossistema marinho, se espera também um impacto negativo na produção de pescado.

O MAPA GLOBAL DO CALOR E DA COMIDA

A região tropical

Compreendida entre 30 graus de latitude ao norte e ao sul do Equador, é a que sofrerá mais. A distribuição de chuvas mudará, com extremos de precipitação e seca.

Em algumas regiões, como a África, poderá haver mais seca. A temperatura aumentará. Quase 60% da população mundial vive nessa faixa do globo terrestre
A região temperada

Entre as latitudes 30 e 60 no Norte e no Sul. Terá menos chuvas. Cerca de 38% da população mundial vivem nessa faixa
Mudanças na chuva

Em muitas áreas, como a América Latina, as chuvas torrenciais deverão se tornar mais intensas e frequentes. Porém, esses extremos de precipitação serão acompanhados de extremos de seca em várias áreas, com má distribuição de chuva ao longo do ano

Aumentará a demanda de água para a irrigação, colocando em conflito a demanda de agricultura e uso doméstico.Hoje 80% da agricultura do mundo depende das chuvas.

Aumento da temperatura local. As noites serão mais quentes. Isso é bom para algumas culturas de alimentos e ruim para outras.

MUDANÇAS NAS REGIÕES

África Poderá perder até dois terços de suas terras agricultáveis por volta de 2025. A principal causa será o agravamento de secas.

Ásia Também deverá sofrer com escassez de água. A Índia deve ter perdas. Já a China pode se beneficiar

Europa Haverá aumento da produtividade agrícola do norte da Europa. Já a região do Mediterrâneo terá perda, com impacto inclusive na produção de vinhos.

América Latina e Caribe A produção geral de trigo, arroz, milho e soja deve diminuir entre 2,5% e 5%.

América do Norte Os EUA sofrerão com a falta de chuva. O Canadá poderá ser beneficiado com o aumento de temperatura.

Oceania A Austrália deverá ter perdas agrícolas em função do aumento de extremos de chuva e seca

Mudança na dieta e medidas de adaptação

Alterações na atual dieta das populações do planeta são uma das principais formas propostas para se reduzir o impacto do aquecimento global na produção mundial de alimentos. De acordo com o Fundo Ecológico Universal (FEU) — uma organização não governamental que divulgou ontem o mais completo estudo já realizado sobre o assunto —, tais mudanças são necessárias para que o número de desnutridos no mundo não aumente de forma exponencial. A adaptação dos cultivos à nova realidade é uma outra maneira. Segundo os especialistas, o ganho na produção pode ser de até 10%.

O consumo médio de cereais, em todo o mundo, é de 43%, enquanto que quase 18% são raízes e tubérculos (como, por exemplo, batata e batata-doce). Já a média global de consumo proteínas tem sido de 9% de carnes e derivados, e 20% de leite e produtos lácteos (excluindo manteiga) desde 1990.Mais feijões e lentilhas como fonte de proteína

Para enfrentar a diminuição da produção de alimentos e ainda manter uma dieta equilibrada e saudável, algumas das orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) poderão ser revistas. Por exemplo: comer mais raízes e tubérculos em vez de cereais.

A produção desses alimentos precisaria aumentar. Porém a expansão do cultivo

de batatas teria que se feita em regiões de temperaturas mais baixas, já que o calor é um fator que limita grande produção. Neste caso, a melhor adaptabilidade das batatas-doces torna este tubérculo o mais adequado para um aumento na produção.

Com relação às proteínas, poderia-se buscar outras fontes, elevando-se o consumo de leguminosas como feijão e lentilhas, cujo teor deste nutriente varia de 18% a 25%. Em países em desenvolvimento, o consumo de leguminosas corresponde a 5% da dieta diária, enquanto nas nações ricas este índice é de apenas 0,5%. A produção de lentilha — que tem 25% de proteína — poderia ser aumentada significativamente, deslocando-se o plantio da primavera para o início desta estação ou no outono.

De acordo com os especialistas, algumas mudanças cruciais poderiam ser adotadas também para adaptar a agricultura mundial a um mundo mais quente. Uma delas seria a realocação de cultivos e da criação de gado (com mudanças também nos períodos do ano destinados a cada etapa do processo), além do uso mais eficiente da água em regiões com menor precipitação de chuvas.

O relatório reforça a necessidade de um planejamento mais efetivo para a adaptação às mudanças climáticas e investimentos em novas tecnologias e infra-estrutura.

O ideal, claro, seria que os países chegassem finalmente a um acordo para a redução dos gases-estufa, o que poderia conter a elevação das temperaturas num patamar menos perigoso, abaixo dos 2 graus Celsius.

Até agora, entretanto, todos os esforços para se alcançar um acordo global nesse sentido fracassaram. Para que alguma mudança significativa fosse alcançada, os países desenvolvidos — que respondem por 50% das emissões — precisariam reduzir seus lançamentos drasticamente, de 25% a 40% abaixo dos números de 1990, até 2020.

— O custo da inação pode ser extremamente alto não somente para futuras gerações, mas para esta — afirma Liliana Hisas.

**Alta dos preços agrícolas opõe UE ao Brasil no G-20** – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia – 21/01/2011

O aumento nos preços agrícolas deixa Brasil e Europa em lados opostos e já provoca uma polêmica dentro do G-20 (grupo dos 20 países mais desenvolvidos do mundo). Dados divulgados ontem indicam que a alta levou o Brasil a bater recordes sucessivos nas exportações.

Segundo os números da Organização Mundial do Comércio (OMC), o Brasil voltou a apresentar a maior expansão nas exportações entre as 70 maiores economias do mundo nos últimos três meses de 2010. Pelos dados da OMC, as exportações brasileiras cresceram 31% em outubro, 40% em novembro e 45% em dezembro. Na China, as exportações tiveram alta de 23% em outubro, 35% em novembro e 18% em dezembro.

Os dados brasileiros são mais de duas vezes superiores à média mundial. Em outubro, a alta das exportações no mundo havia atingindo apenas 15%, ante 18% em novembro.

Grande parte da explicação para a expansão brasileira está nos preços

internacionais das commodities agrícolas. Entre novembro de 2009 e dezembro de 2010, a alta superou a marcade 35%, superior ao crescimento do preço de energia.

Para a França, que neste ano preside o G-20, está na hora de tratar de uma estabilização dos preços agrícolas a todo custo. A União Europeia vive uma crise profunda e alguns países nem saíram da recessão. Mas, mesmo assim, a renda obtida pelo Brasil com as exportações agrícolas para o mercado europeu surpreendeu até os diplomatas brasileiros em Bruxelas.

Preços. No caso do açúcar, as vendas nacionais ao mercado europeu triplicaram em valor entre 2009 e 2010, atingindo US$ 514 milhões. As exportações de milho para a Europa cresceram seis vezes, passando de US$ 50 milhões em 2009 para US$ 319 milhões em 2010.

As vendas de soja para a Europa também deram um salto, passando de US$ 1,4 bilhão em 2009 para US$ 2,3 bilhões no

● Destaque

45% foi a alta das exportações brasileiras para a União Europeia em dezembro do ano passado. No mesmo mês, as exportações chineses apresentaram um crescimento de apenas 18% ano passado. O mesmo ocorreu com o café, com uma alta de 40%, atingindo US$ 2,8 bilhões.

Em praticamente todos os casos, o volume exportado não aumentou tão significativamente como o valor, sinal de que são os preços dos produtos que inflaram a balança exportadora.

De acordo com técnicos do setor, foi exatamente a alta nos preços das commodities que permitiu que a balança comercial com os europeus se mantivesse positiva para o Brasil. Em 2010, com o real valorizado, a Europa obteve ganhos importantes nas vendas ao mercado nacional. A balança com os europeus fechou em US$ 4 bilhões a favor do Brasil em 2010, depois de um saldo positivo de US$ 4,9 bilhões em 2009.

Alerta. Na Europa, a avaliação é de preocupação. Em seu relatório mensal publicado ontem, o Banco Central Europeu (BCE) afirma que a alta nos preços está provocando uma "incerteza significativa" sobre a capacidade de garantia do abastecimento no longo prazo.

O BCE também diz que a inflação poderia ser mais um obstáculo para a recuperação da economia europeia. Para o BCE, é "essencial" monitorar essa situação, lembrando que os preços do trigo aumentaram em 91% em 12 meses. "A pressão sobre os preços de alimentos continuará diante da demanda global robusta", afirmou o BCE.

Especulação financeira, crescimento da demanda nos países emergentes e safras abaixo do previsto são os fatores que teriam provocado a alta nos valores. A posição de preocupação da Europa deve acabar se traduzindo em um plano de ação por parte do presidente da França, Nicolas Sarkozy, que promete colocar o assunto na agenda do G-20 este ano. Durante o Fórum Econômico Mundial, em Davos na semana que vem, Sarkozy promete defender medidas para controlar a especulação em torno das commodities. "Este deve ser o ano para tomarmos decisões para regular a especulação", afirmou o ministro francês de Agricultura, Bruno Le Maire. Sua meta é ambiciosa: quer organizar uma regulação mundial no capítulo de commodities agrícolas para garantir o fim da volatilidade dos Preços

Para a FAO, pressão sobre os preços vai continuar A FAO prevê que a pressão inflacionária no preço de alimentos vai continuar em 2011. Segundo a entidade, os preços mundiais já atingiram um pico em dezembro, superando o momento mais crítico da crise de alimentos em 2007 e 2008.

Se especulação, biocombustíveis e aumento da demanda são motivos da alta dos preços, a FAO destaca que as safras em algumas partes do mundo também contribuem para a crise. Uma colheita de cana abaixo do esperado no Brasil e enchentes na Austrália podem explicar o maior preço do açúcar em 20 anos.

O impacto do fenômeno La Niña na Argentina também teria afetado a soja e milho. Já a seca nos EUA e o fogo na Rússia afetaram a produção de trigo./ J.C

**Agronegócio precisa mostrar à sociedade o seu valor –** Marcos Fava Neves – Folha de São Paulo – Mercado – 22/01/2011

ESPECIAL PARA A FOLHA

Neste início de ano, diversas manchetes comunicaram que os alimentos foram os vilões da inflação de 2010.

A sociedade que leu essas notícias tendeu imediatamente a culpar os produtores rurais, agroindústrias e indústrias de alimentos pela valorização desses produtos.

Na verdade, o agricultor atuou justamente do lado oposto, pois controlou a inflação. A época é de crise alimentar (preços mundiais recordes) por diversos fatores já discutidos e até antecipados há mais de dois anos.

Os produtos da agricultura finalmente se valorizaram e nós, como grandes exportadores, estamos nos beneficiando economicamente desse valor, dessa renda gerada. E o mundo cada vez mais reconhece o Brasil como "fornecedor mundial de alimentos".

As produções do horticultor dos cinturões das cidades, do citricultor de São Paulo, do produtor de frangos e suínos em Santa Catarina, de grãos na Bahia, de arroz no Rio Grande do Sul, de frutas e cana no Nordeste, de papel e celulose no Mato Grosso do Sul, e de gado no Tocantins, entre outros, ajudaram a segurar a inflação.

Nossos produtores de alimentos abasteceram o mercado brasileiro, competiram com os produtos importados que invadiram as gôndolas devido ao real valorizado e, ao proporcionarem uma exportação recorde de US$ 76 bilhões, permitiram grande ingresso de recursos no país.

A receita com exportações atuou como força propulsora da valorização do real, que ajuda no controle da inflação. Alguém poderia calcular quanto seria a inflação sem a presença do agronegócio?

Então, de salvador da pátria, o agronegócio passou a ser o vilão de 2010.

Esse caso é um exemplo de que a comunicação com os mais diversos públicos-alvo é a batalha deste século.

O agronegócio -tirando uma ou outra boa ação das associações, sindicatos e outras organizaçõesnão se comunica adequadamente. A imagem do setor na sociedade não representa seu grande trabalho e êxito.

É preciso romper a passividade. Comunicar-se com as novas gerações, que são mais sensíveis às causas ambientais, sociais, da inclusão e da tolerância, usando as novas formas de mídia digital, que é o que elas assistem.

Produtores rurais e industriais também devem fazer programas de relacionamento com palestras em escolas, organizar programas de visitas para as crianças nas fábricas e nas fazendas.

São muitas as ações necessárias para mostrar à sociedade brasileira o valor do agronegócio na geração de exportações, de empregos, de impostos, no controle da inflação, e mostrar que é o setor mais respeitado do Brasil no exterior.

É necessário o esforço de todos para reverter essa imagem do agronegócio.

---

**MARCOS FAVA NEVES** é professor titular de planejamento na FEA/USP (Campus de Ribeirão Preto), autor de 22 livros publicados em cinco países e coordenador científico do Markestrat.

**Autoridades do Ceará fornecem água envenenada à população** – Sítio Eletrônico do MST – 23/02/2011

O presidente da Fapija (Federação das Associações do Perímetro Irrigado Jaguaribe-Apodi) admite que dá permissão para o uso da água contaminada por agrotóxicos em troca de R$ 350 mil por mês para projeto de irrigação.

O presidente da SAAE (Sistema Autônomo de Água e Esgoto) de Limoeiro do Norte apoia a distribuição da água contaminada: "as pessoas querem a água ali, e não há agora outra forma de levar se não retirando do projeto de irrigação."

Pelo menos 17 pessoas na comunidade tiveram câncer. Outros apresentaram doenças como dermatites, desregulação hormonal, dificuldades respiratórias e insuficiência do fígado e dos rins. Um agricultor de 29 anos morreu por uma doença crônica no fígado. Em todos esses casos, percebeu-se a influência de substâncias usadas nos agrotóxicos.

*São chocantes as informações apresentadas na matéria publicada pela Uol Notícias no último dia 13, veja na íntegra:*

**Sem alternativa, comunidade usa água contaminada por agrotóxicos no interior do Ceará**

Incolor, inodora, insípida. Assim é a água que a comunidade de Tomé, no alto da Chapada do Apodi, em Limoeiro do Norte (a 198 km de Fortaleza), recebe nas torneiras de todas as suas casas. Contudo, ao analisar 46 amostras dessa água retiradas de diferentes pontos de distribuição, um estudo da Faculdade de Medicina da UFC (Universidade Federal do Ceará) constatou que em todas há resquícios de diferentes tipos de defensivos agrícolas [agrotóxicos], o que faz dessa água uma ameaça à saúde de todos que a ingerem.

Supostamente por denunciar esse fato, o líder comunitário José Maria Filho, conhecido como Zé Maria do Tomé, foi morto com 19 tiros em abril do ano passado,

crime até hoje impune. E agora, o Ministério Público do Estado do Ceará ingressou na Justiça uma ação civil pública para pedir a suspensão imediata da entrega dessa água aos moradores do local e sua substituição por água potável, própria para o consumo, nem que seja por carros-pipa.

A água, distribuída pelo SAAE (Sistema Autônomo de Água e Esgoto) de Limoeiro do Norte, é retirada de canais do projeto de irrigação Jaguaribe-Apodi, do Dnocs (Departamento Nacional de Obras contra as Secas). Nesse projeto, estão instaladas empresas nacionais e multinacionais que produzem frutas e grãos e que pulverizam agrotóxicos nas plantações, tanto com o auxílio de tratores como de aviões. Da mesma forma que atingem as lavouras, esses defensivos caem na água, que corre a céu aberto entre os lotes irrigados, até chegar nas casas das famílias de Tomé.

A água é cobrada regularmente pelo SAAE. "Em síntese, o SAAE de Limoeiro do Norte cobra pelo serviço de fornecimento de água, o qual vem prestando de forma absolutamente ineficiente, pois fornece água imprópria ao consumo humano aos consumidores residentes na comunidade do Tomé", diz a ação civil pública assinada pela promotora Bianca Leal Mello da Silva Sampaio.

A permissão para o uso da água é dada pela Fapija (Federação das Associações do Perímetro Irrigado Jaguaribe-Apodi), que, em troca, recebe do SAAE o equivalente aos custos da energia elétrica do projeto de irrigação, cerca de R$ 350 mil por mês. Apesar de fornecer a água, o próprio presidente da Fapija, Raimundo César dos Santos, não garante que ela é potável. "Essa é uma água de uso exclusivo para irrigação. A gente não se responsabiliza por ela", afirmou, minimizando, em seguida, o tom de alerta da própria fala. "Fizemos um estudo de R$ 1.500 nessa água e não encontramos nada de errado. E lá está disponível para qualquer cidadão atestar isso também."

Em frente a um das piscinas do projeto que funcionam como reservatório, porém, a própria entidade mandou instalar placas com os seguintes dizeres: "Atenção, água não potável" e "Atenção, proibido banho e pesca".

Santos justifica a permissão para o uso da água para abastecimento humano como uma forma de viabilizar o uso da energia elétrica para o bombeamento para irrigação. "Estamos no alto da Chapada do Apodi, a 110 metros de altitude, e toda a água que passa pelos 40 quilômetros de canais precisa ser bombeada o tempo todo. São 4.800 metros cúbicos de água por hora e sete bombas. Se não for assim, não dá para ter plantação de nada", afirmou.

**Danos à saúde**

O estudo do grupo Tramas, da Faculdade de Medicina da UFC, constatou a presença de 22 princípios ativos de agrotóxicos na água consumida pela comunidade de Tomé, assim como em outras quatro localidades. Entre os defensivos há inseticidas, fungicidas, herbicidas e acaricidas. Eles são usados, segundo o geógrafo Diego Gadelha, do curso de Saneamento Ambiental do IFCE (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará), especialmente para combater uma praga das plantações de banana, a sigatoka-amarela, um fungo que aparece nos bananais em períodos chuvosos, por causa da umidade.

Quando há pulverização aérea, o veneno não atinge só a água. As casas dos moradores da região também são afetadas, além dos próprios moradores. A pulverização com trator também não evita estragos. “Há um estudo da Cogerh (Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos do Ceará) que mostra que água subterrânea, de poços, também está contaminada. Com isso, os animais, os alimentos, as pessoas, tudo está sendo atingido. E os danos vão aparecer principalmente a longo prazo, já que o veneno fica se acumulando no organismo”, disse.

Para alguns que trabalham na agricultura, os sintomas, porém, já são visíveis. Pelo menos 17 pessoas na comunidade tiveram câncer, doença que pode estar relacionada à exposição prolongada aos agrotóxicos. Outros apresentaram doenças como dermatites, desregulação hormonal, dificuldades respiratórias e insuficiência do fígado e dos rins. Um agricultor de 29 anos morreu por uma doença crônica no fígado. Em todos esses casos, percebeu-se a influência de substâncias usadas nos defensivos agrícolas.

Depois da morte de Zé Maria com 19 tiros, bem na época em que foi divulgado o estudo da UFC comprovando a existência de agrotóxicos na água entregue no Tomé, a população dali - cerca de 2.000 pessoas - ficou assustada. Ainda assim, todo dia 21, data em que o líder da comunidade foi morto, acontece uma manifestação na região.

A constatação de que a água está imprópria para o consumo humano, porém, não fez com que a maioria parasse de usá-la. “Há uns três meses, a prefeitura começou a mandar água em carros-pipa para abastecer caixas d'água da localidade. Só que, aos poucos, como não é nada simples sair de casa com o balde para buscar água, as pessoas voltaram a usar a da torneira. E a própria prefeitura, há um mês, deixou de abastecer de novo os reservatórios com água potável”, disse o geógrafo Gadelha. “Como os problemas não surgem do dia para a noite, todos vão usando”, completou.

Para o presidente do SAAE, Antônio Mauro da Costa, as pessoas querem a água ali, e não há agora outra forma de levar se não retirando do projeto de irrigação. A única alternativa seria a construção de uma adutora, no valor de R$ 7,5 milhões, dinheiro que ainda não tem previsão de ser conseguido. Costa afirma que também tem estudos que mostram que a água é boa para o consumo, apesar de a Fapija ter instalado placas informando que ali a água não é potável.

“Se ali a água é contaminada, a do rio Jaguaribe também é, e a dos outros afluentes e de toda região do Vale do Jaguaribe também são, porque aqui existe a maior empresa a céu aberto do Nordeste, onde mais de 10 mil pessoas são empregadas. E a luta é para se aumentar a área irrigada. Se não puder mais usar os defensivos, tudo isso vai acabar”, disse Costa.

**Produção de transgênicos cresce de forma alarmante** – Sítio Eletrônico do MST – 23/01/2011

O crescente aumento no plantio de áreas transgênicas no Brasil ameaça o futuro da produção de alimentos saudáveis e a agricultura camponesa, além de tornar o agricultor refém de um restrito grupo de transnacionais, que controlam o mercado de sementes.

O Brasil é o país onde o cultivo de lavouras transgênicas mais avança no mundo. Em 2010 foram plantados 25,4 milhões de hectares de lavouras geneticamente modificadas (soja, milho e algodão) - aumento de 19%, ou 4 milhões de hectares, em relação a 2009. A área total equivale ao Estado do Piauí.

*Até alguns setores da imprensa demostram preocupação em relação ao assunto, veja reportagem do jornal O Estado de S. Paulo:*

**Plantação de transgênicos avança no Brasil e cresce 19% em apenas um ano**

*Por O Estado de S.Paulo*
*Repórter Andrea Vialli*

Área aumentou 4 milhões de hectares, colocando o País na liderança dos que mais expandiram a superfície plantada com organismos geneticamente modificados

SÃO PAULO - O Brasil é o país onde o cultivo de lavouras transgênicas mais avança no mundo. Em 2010 foram plantados 25,4 milhões de hectares de lavouras geneticamente modificadas (soja, milho e algodão) - aumento de 19%, ou 4 milhões de hectares, em relação a 2009. A área total equivale ao Estado do Piauí.

O resultado levou o Brasil a manter a posição conquistada em 2009, quando ultrapassou a Argentina e passou a ocupar o segundo posto no ranking mundial dos 29 países que adotam as culturas transgênicas, atrás apenas dos Estados Unidos, com 66,8 milhões de hectares. Os dados fazem parte do relatório anual do Serviço Internacional para Aquisição de Aplicações em Agrobiotecnologia (Isaaa, na sigla em inglês), divulgado ontem.

"O Brasil caminha de forma rápida para ser o maior produtor de transgênicos no mundo", afirmou Clive James, presidente do Isaaa. Segundo ele, os países em desenvolvimento despontam como os maiores produtores de transgênicos: 19 países adotam esse tipo de lavoura e concentram quase a metade (48%) das plantações geneticamente modificadas.

Risco. Segundo o Isaaa, a expansão da área cultivada de transgênicos é fruto de um maior interesse dos agricultores em adotar a tecnologia que, segundo as empresas, permite aumentar a produtividade e reduzir os custos com inseticidas e herbicidas. Mas o avanço também é visto com desconfiança por ambientalistas e entidades contrários à adoção da tecnologia. "O avanço do cultivo de transgênicos é preocupante porque o Brasil não possui meios eficazes para controlar os riscos que esse tipo de lavoura traz", diz Sérgio Leitão, diretor de campanhas do Greenpeace.

Entre os riscos a que os agricultores estão sujeitos, aponta Leitão, está o de desabastecimento de sementes de grãos não transgênicos. "O agricultor está refém de três ou quatro grandes multinacionais, que controlam a quantidade das sementes transgênicas e não transgênicas que chegam ao mercado", afirma Leitão. "Como os transgênicos são mais rentáveis, fica mais difícil para o produtor encontrar sementes convencionais", diz.

Outro problema é o surgimento de pragas mais resistentes, que surgem apenas em lavouras geneticamente modificadas. O problema tem sido recorrente nos Estados Unidos e já chegou ao Brasil, segundo Ricardo Sousa, diretor executivo da Abrange, entidade que reúne produtores de grãos não transgênicos. "Cerca de 9 milhões de hectares na Região Sul do País estão infectados com a buva, uma erva daninha resistente a herbicidas que persiste nas lavouras transgênicas", relata Sousa.

**PERGUNTAS & RESPOSTAS**
Eles já estão no mercado

**1. O que são alimentos transgênicos?**
Os transgênicos - ou organismos geneticamente modificados (OGM) - são produzidos em laboratório por meio da introdução de genes de outras espécies, com o objetivo de atribuir a eles novas características. No caso dos grãos, por exemplo, pode ser gerada uma resistência a determinadas pragas e a condições climáticas adversas, como secas prolongadas.

**2. Desde quando alimentos transgênicos são cultivados no Brasil?**
No Brasil, o plantio de transgênicos é feito desde 2004 e está sujeito a aprovação da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), que assessora o governo federal nas questões de biotecnologia.

**3. Quais são os argumentos contrários a esse tipo de tecnologia?**
Entre eles estão a falta de estudos que comprovem que o consumo desses alimentos não traz riscos à saúde humana e ao meio ambiente e o risco de contaminação de lavouras convencionais pelos genes modificados.

**4. Já existem transgênicos no mercado?**
Atualmente, existem quatro vertentes de pesquisas referentes ao assunto e duas já chegaram aos supermercados. São as plantas com tolerância aos herbicidas e resistentes aos ataques dos insetos - como soja, milho e algodão - e as com qualidades nutricionais alteradas - como a soja acrescida do aminoácido metionina, nutriente essencial para a saúde.

**Nova crise alimentar e produção de alimentos?** - Sítio Eletrônico da CPT - 26/01/2011

Confira artigo de Milton César Gerhardt, das pastorias sociais de Santo Ângelo (RS), sobre a produção de alimentos e a iminência de uma nova crise alimentar.

Milton César Gerhardt*

Em meio à notícia publicada no dia 14/01/11, tendo como manchete "os sintomas de uma nova crise alimentar mundial", neste artigo são refletidas algumas considerações que ajudem a pensar a temática da falta e da produção de alimentos. Como podemos entender a falta de alimentos com tantas tecnologias disponíveis em pleno século XXI?

Segundo a notícia publicada pelo Instituto Humanitas da Unisinos, os preços mundiais do arroz, do trigo, do açúcar, da cevada e da carne seguiram altos ou registraram significativos aumentos em 2011, podendo replicar a crise de 2007-2008, conforme alerta a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). No final de 2010, ocorreram protestos na China pelos altos preços das refeições de estudantes. Nos primeiros dias de 2011, já ocorreram protestos na Argélia e também na Tunísia, causando a morte de pelo menos 20 pessoas. As implicações no curto prazo não são apenas que os pobres serão afetados e que mais gente poderá ser arrastada para a pobreza, mas sim que ficará mais difícil a recuperação dos países que enfrentam uma maior inflação e cairá o poder aquisitivo dos consumidores em geral.

Mousseau, autor do livro "O desafio dos altos preços dos alimentos: uma revisão das respostas para combater a fome", afirma que os países mais vulneráveis são os mais dependentes das importações e os menos capazes de enfrentar o aumento dos preços nos mercados com políticas públicas. Isso concerne a muitas das nações mais pobres, com menos recursos, menos instituições e menos mecanismos públicos para apoiar a produção de alimentos, explicou ainda Mousseau.

Segundo a FAO, os preços dos cereais, dos grãos oleaginosos, lácteos, carnes e açúcar podem seguir aumentando por seis meses consecutivos. "Estamos entrando em um terreno perigoso", disse Abdolreza Abbassian, economista da FAO, para um jornal de Londres. Mousseau explicou que os preços começaram a aumentar em 2010 após as quebras de safras na Rússia e Europa Oriental, em parte causadas pelos incêndios de verão. Agora, as severas inundações que atingiram a Austrália, quarto maior exportador mundial de trigo, provavelmente afetarão a produção desse cultivo, elevando ainda os preços. "Qualquer outro acontecimento, como outro desastre climático em algum país exportador ou um novo aumento do preço do petróleo, sem dúvida alguma fará os preços dispararem, tornando a situação pior que a de 2008 e ameaçando o sustento de milhões de pessoas em todo o mundo".

Por outro lado, Mousseau esclareceu que não se trata agora de um problema de escassez, como ocorreu em 2007-2008. "Não se pode usar a palavra escassez se consideramos que mais de um terço dos cereais produzidos no mundo são usados como alimento para animais, e que uma parte cada vez maior é utilizada para produzir agrocombustíveis", observou. De fato, produziram-se 2,23 bilhões de toneladas de cereais no mundo em 2008, uma cifra sem precedentes. O nível de produção para o

período 2010-2011 é levemente menor que o de 2008. A diferença é que, em 2008, foi o arroz que impulsionou a alta de preços, enquanto que, desta vez, é o trigo. Mas, em todo o caso, há uma combinação de fatores agindo: uma má colheita em uma parte do mundo provoca uma pressão sobre o mercado, que envia sinais negativos aos especuladores. Esses então começam a comprar e os preços disparam.

Um dos desafios que o novo governo se propõe é a erradicação da fome e da miséria, pois como coloca a ONU, a miséria é um processo gerado por um determinado tipo de sociedade, assentada sobre determinada economia, que cria, mantém e agrava a miséria. Mas como combater a fome e a miséria? Segundo a ONU, será preciso definir a miséria como um crime contra a humanidade, da mesma forma que se fez com a escravidão, para que, a partir daí, se possa identificar e condenar os que praticam.

Portanto, um dos caminhos mais acessíveis a nós é o ato de produzir alimentos, pois assim estaremos fortalecendo a agricultura camponesa, que mantém 16% da população brasileira no campo. Reconhecer e fortalecer a Economia Solidária, destinando a ela mais recursos seja talvez um dos caminhos mais simples, pois ela tem sido uma das principais fontes de geração de trabalho e renda, trabalhando por um desenvolvimento social justo e viável, fazendo acontecer "um outro mundo é possível".

*Pastorais Sociais da Diocese de Santo Ângelo (RS)

**FAO já vê crise alimentar e mais instabilidade** – Valor Econômico – Agronegócios – 26/01/2011

Para o diretor-geral da entidade, é necessário impedir a especulação com os preços de commodities

Reuters

O mundo caminha para uma crise alimentar que ameaça causar instabilidade política, e é necessário impedir a especulação com o preço das commodities. O diagnóstico é de Jacques Diouf, diretor-geral da FAO, o braço das Nações Unidas para agricultura e alimentação, e vem na esteira da pressão na mesma direção exercida pelo presidente francês, Nicolas Sarkozy, que ocupa a presidência do G20 em 2011 e fez do tema uma de suas principais bandeiras.

"Os preços mais altos e voláteis continuarão nos próximos anos se deixarmos de combater as causas estruturais dos desequilíbrios no sistema agrícola internacional", afirmou Diouf ao jornal japonês "Nikkei". Em entrevista por escrito, o senegalês disse que o mundo pode estar à beira de outra grave crise alimentar, e que os subsídios e tarifas sobre produtos agrícolas têm papel importante na distorção do equilíbrio entre oferta e procura. A França é o país da União Europeia que mais concede subsídios a seus agricultores.

Em relatório publicado recentemente, a FAO informou que seu índice global de preços de alimentos bateu recorde em dezembro, superando inclusive os níveis de 2008, quando uma alta generalizada no custo da alimentação desencadeou distúrbios

em diversos países. Devido a adversidades climáticas em países produtores e exportadores, os preços de vários grãos, que já estão elevados, podem subir ainda mais neste ano.

Diouf lembrou que as populações mais pobres novamente serão as mais afetadas, e que isso "vai gerar instabilidade política em [alguns] países e ameaçar a paz e a segurança mundiais". Como Sarkozy, Diouf afirmou que há "uma necessidade premente de novas medidas de transparência e regulamentação para lidar com a especulação sobre os mercados futuros de commodities agrícolas". O presidente francês destacou no início da semana que até no mercado financeiro há mais controle do que nas commodities.

A FAO estima que nos próximos 40 anos será necessário um aumento de 70% na produção agrícola mundial e de 100% nas nações em desenvolvimento para atender à demanda derivada do aumento populacional.

Para isso, calcula Diouf, é preciso uma verba de US$ 44 bilhões por ano em ajuda oficial ao desenvolvimento agrícola. Os investimentos privados, por sua vez, terão de passar de US$ 60 bilhões para US$ 200 bilhões por ano. Esses recursos, acrescentou, devem ser usados para financiar pequenas obras de controle hídrico, silos, estradas vicinais, portos pesqueiros e abatedouros nos países em desenvolvimento.

**Mais sobre preços à página B12**

**Coordenador**
Sergio Leite

**Pesquisadores**
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Claudia Job Schmitt

**Assistentes de Pesquisa**
Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**
Diva de Faria

opa Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade UFRRJ • Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8° andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrrj.br
Sítio eletrônico: www.ufrrj.br/cpda/oppa

Apoio

CNPq actionaid FAPERJ CPND MAQ nead Ministério do Desenvolvimento Agrário BRASIL GOVERNO FEDERAL